

MOTIVAÇÕES NA CRIAÇÃO DE SINAIS DE NOME EM LIBRAS DE CIDADES DO MATO GROSSO DO SUL: A EXPERIÊNCIA VISUAL DOS SURDOS

THE MOTIVATIONS IN THE CREATION OF CITY NAME- SIGNS IN LIBRAS IN THE STATE OF MATO GROSSO DO SUL: THE VISUAL EXPERIENCE OF THE DEAF

Gabriele Cristine Rech¹

[<https://orcid.org/0000-0003-2470-3416>]

Fabiola Sucupira Sell²

[<https://orcid.org/0000-0002-2315-7073>]

Janete de Melo Nantes³

[<https://orcid.org/0000-0002-8997-2062>]

DOI: <http://doi.org/10.30612/raido.v15i39.14927>

RESUMO: Este artigo tem por objetivo principal analisar a motivação dos sinais de nome atribuídos pela comunidade surda do Mato Grosso do Sul às cidades desse Estado. Para a coleta de dados, utilizou-se o repositório de sinais do CAS/MS. Os dados obtidos foram classificados a partir dos estudos de Paales (2011) e a motivação para a criação dos sinais de nome foi resgatada por meio de entrevistas com professores surdos. Os resultados mostram que a maioria dos sinais analisados se encaixam na categoria inicialização e descrição. Além disso, as entrevistas realizadas evidenciaram que a experiência visual dos surdos e suas vivências na comunidade surda influenciaram a motivação da escolha toponímica. Como conclusões, depreende-se das discussões que os sinais de nome analisados apresentaram em sua maioria independência da taxionomia do seu nome próprio na língua oral.

Palavras chaves: Libras; sinais de nomes de lugar; Onomástica; Toponomástica.

ABSTRACT: This article analyze the motivation of name signs attributed to cities of Mato Grosso do Sul by the deaf community. CAS/MS signal repository was used for data collection. The data obtained were classified based on studies by Paales (2011) and

1 Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; professora efetiva da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: gabriele@uems.br.

2 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora associada da Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Tecnológicas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias. E-mail: fabiola.sell@udesc.br.

3 Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; professora adjunta da Universidade Federal Da Grande Dourados. E-mail: janetenantes@uems.br

the motivation for creating labels with names was recovered through interviews with deaf teachers. The results show that most of the signals analyzed fall into the category of initialization and description. In addition, the interviews carried out showed that the visual experience of deaf people and their experiences in the deaf community influenced the motivation for the choice of names. As conclusions, it is clear from the discussions that the analyzed name signs were mostly independent of the taxonomy of their proper name in oral language.

Keywords: Brazilian Sign Language; sign with the name of the place; Toponomastics.

1 INTRODUÇÃO

A Onomástica é uma área da Lexicologia que estuda os nomes próprios e é dividida, principalmente, em duas grandes áreas: Toponomástica – estudo dos nomes de lugares e Antroponomástica – estudo dos nomes de pessoas. No que cabe aos estudos dos nomes de pessoas na Libras, alguns trabalhos já foram realizados, como a proposta de uma taxonomia feita por Barros (2019); reflexões a respeito dos antropônimos nas línguas de sinais e línguas orais (RECH; SELL, 2019); análise da atribuição de sinais de nome para autores/pesquisadores a partir do Manuário Acadêmico e Escolar elaborado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (RECH; SELL, 2020); análise de sinais de nomes atribuídos a personagens bíblicas encontradas no Manual *O Clamor do Silêncio* (RECH, 2020) e, uma análise de revisão de literatura de pesquisas de sinais de nomes em várias comunidades surdas de diferentes países (RECH; SELL; SEIDE, 2020).

Este estudo tem por objetivo analisar, sob o ponto de vista da Toponomástica, os sinais de nome em Libras atribuídos às cidades do Mato Grosso do Sul. A análise dos dados coletados nessa pesquisa segue a classificação proposta por Paales (2011), a qual parece mais consistente para dar conta dos fenômenos linguísticos encontrados referentes aos sinais de nomes atribuídos a cidades do Mato Grosso do Sul quando se investiga a motivação por trás da criação do sinal de nome.

A proposta aqui apresentada busca compreender também a motivação por trás da atribuição do sinal de nome, por meio de relatos de surdos da região, os quais protagonizaram o surgimento da comunidade surda no Mato Grosso do Sul e seu respectivo léxico toponímico em Libras.⁴ Desse modo, foram coletados 88 sinais em um canal do Youtube do CAS/MS e entrevistados 5 professores surdos, com o intuito de resgatar a motivação dos sinais de nome atribuídos a cidades do Mato Grosso do Sul. Sendo assim, o artigo apresenta um panorama geral da Toponomástica, bem como de estudos toponomásticos nas línguas de sinais e aborda também o contexto histórico da língua de sinais no Mato Grosso do Sul. Apresenta-se, ainda, a metodologia de coleta e análise dos dados, seguindo para a discussão dos sinais classificados, tendo em vista as motivações apreendidas por meio das entrevistas, finalizando com as considerações finais.

Uma das expoentes dos estudos Toponomásticos no Brasil, a professora Maria

4 Nosso agradecimento aos professores surdos Shirley Vilhalva, Clara Ramos Pedroza, Helen Trefzger Ballock, Carlos Magno Leonel Terrazas e Jeferson Candia, que gentilmente aceitaram participar dessa pesquisa.

Vicentina de Paula do Amaral Dick, logo nas primeiras páginas do seu clássico trabalho *Toponímia e Antroponímia no Brasil – Coletâneas de Estudo* (1992 [1987]) reconhece que a atividade de atribuir nomes aos lugares sempre foi exercida pelos homens, desde os tempos mais remotos que a memória humana pode alcançar. Em consonância, Carvalinhos (2009) reconhece que atribuir um nome a um lugar é representá-lo de forma individual, atividade que, segundo a autora, é realizada desde “tempos imemoriais” e tem por objetivo identificar, particularizar e referenciar os elementos no espaço. Em relação ao ato de nomear, Biderman (1998) pondera:

[...] a nomeação da realidade pode ser considerada como a primeira etapa no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas (BIDERMAN, 1998, p. 92).

A ciência que estuda os topônimos – nomes próprios de lugares – denominada Toponomástica, agrega-se à Antroponomástica – ciência que estuda os nomes próprios de pessoas – para compor as duas principais vertentes da Onomástica – ciência que estuda os nomes próprios. Essas disciplinas inseridas no campo dos estudos da linguagem, dialogam com outras ciências, tais como, a História, Geografia, Arqueologia, Genealogia, História Social e Cartografia, evidenciando a riqueza desse campo de conhecimento (SEABRA; ISQUERDO, 2018).

O topônimo, essencialmente, é um signo linguístico que “em função toponímica representaria uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica (ou transparência) de seu significado” (DICK, 1992, p. 18). A esse respeito a autora destaca o duplo aspecto da motivação toponímica:

- Primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico.
- E, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco e que pode envolver procedências as mais diversas (DICK, 1992, p. 18).

Dick (1992) defende que, para uma compreensão do sistema toponímico como um todo, faz-se necessário um estudo da natureza linguísticas dos topônimos, bem como estudo da motivação ou da natureza semântica dos nomes. Em relação a este último, a autora propôs um modelo de classificação que contempla 27 taxes, sendo 16 referentes à natureza física e 11 à natureza antropológica (DICK, 1992). A proposta de taxonomia dos topônimos brasileiros, desde então, vem sendo utilizada como base para inúmeras pesquisas, inclusive na área da Língua Brasileira de Sinais, como veremos mais adiante.

Este trabalho focará na motivação dos signos linguísticos da Libras criados para nomear cidades do Estado de Mato Grosso do Sul. Cientes de que os topônimos emergem a partir da necessidade de identificar e referenciar um determinado lugar, bem como expressam aspectos culturais de uma determinada comunidade linguística, na próxima seção abordamos estudos toponomásticos em línguas de

sinais. Na seção 2 tratamos da trajetória política e linguística da comunidade surda do Mato Grosso do Sul, a fim de situar essa minoria linguística⁵. Na seção 3 são apresentadas a metodologia de pesquisa e análise dos dados e, por fim, concluímos com as considerações finais.

2 ESTUDOS TOPONOMÁSTICOS EM LÍNGUAS DE SINAIS

Estudos voltados à descrição dos processos de nomeação dos espaços na Libras são, relativamente, recentes. A primeira dissertação na área é datada do ano de 2012, e foi defendida por de Souza-Júnior (2012) sob o título “Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira: uma perspectiva toponímica por sinais”. A referida pesquisa tem por objetivos 1) organizar um *corpus* linguístico dos topônimos na Libras e; 2) descrever o sistema de nomeação da Libras e a frequência da sua motivação semântica.

A partir de 20 informantes residentes em diversas regiões do país, Souza-Júnior (2012) coletou 265 topônimos distribuídos entre estados da Federação e suas respectivas capitais, bem como algumas cidades do interior. Os sinais coletados foram recopilados, padronizados e indexados no banco de dados “Terminologia da Geografia Brasileira em Língua de Sinais Brasileira”⁶, criado para armazenar os dados e possibilitar a validação pelos informantes e outros colaboradores.

Em relação à motivação semântica, Souza-Júnior (2012) classificou os topônimos coletados tendo como base a proposta de Dick (1992). Entretanto, verificou-se que 124 nomes de locais eram motivados pela grafia parcial ou integral do nome original do topônimo, as quais podem ser configuradas como empréstimos linguísticos. Assim, propôs uma nova *taxe*: grafotopônimo, e considerou:

[...] o termo “grafotopônimo” passa a qualificar os elementos específicos de topônimos motivados pela grafia do nome original do lugar, ou acidente geográfico. Sendo *taxe* que qualifica uma produção imaterial da cultura humana de caráter linguístico, esta *taxe* vincula-se à subcategoria das *taxes* antro-po-culturais. [...] a *taxe* “grafotopônimo” pode ser objeto de um estudo específico onde os topônimos sejam analisados a partir das características da motivação segundo as diferentes formas que os empréstimos podem ocorrer, podendo gerar novas sub-categorias (SOUZA-JÚNIOR, 2012, p.60).

Aguiar (2012) realizou um estudo a respeito dos topônimos na Libras, o qual buscou compreender o grau de iconicidade⁷ desses sinais e as prováveis influências que a Língua Portuguesa exercia na formação destes. A autora analisou 252 sinais de nomes de lugares retirados do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (o Deit-Libras) de Capovilla e Raphael (2009). Em relação à iconicidade, os dados revelaram que 45 sinais eram icônicos e 207 eram não icônicos.

5 A Comunidade Surda é considerada enquanto minoria linguística pela luta por seus direitos linguísticos e de cidadania, impondo-se não pela deficiência, mas pela diferença. (FELIPE, 2007, p. 197)

6 Disponível em: <http://geografiaemlibras.blogspot.com/?m=0>. Acesso em 21 de mar. 2021

7 Segundo a autora, “o critério da iconicidade foi incluído para que, por meio dele, se pudesse capturar uma possível relação entre a forma do sinal e lugar designado por ele. Mais precisamente, diferenciar sinais que apresentam alguma motivação em sua forma” (AGUIAR, 2012, p. 111).

Em relação à origem, identificou que 161 sinais apresentavam a configuração de mão correspondente ao alfabeto datilológico ou numéricos enquanto 91 eram formados por outras configurações.

Urbanski, Ferreira e Xavier (2020) analisaram 888 sinais atribuídos às cidades e estados brasileiros, bem como a regiões administrativas do Distrito Federal, extraídos do *youtube*. Para a análise dos dados, adotaram uma proposta elaborada em trabalho anterior (URBANSKI; XAVIER; FERREIRA, 2019) relacionada à origem, que classifica os sinais em dois grandes grupos: nativos e empréstimo. Na categoria dos nativos são alocados os topônimos que são formados sem aparente semelhança com a Língua Portuguesa; a categoria denominada empréstimo é subdividida em quatro subcategorias: calques (traduções literais ou aproximadas), soletrações manuais, inicialização (casos em que um sinal considerado nativo é realizado utilizando a configuração de mão da letra que inicia o nome escrito na Língua Portuguesa) e hibridismo, sinais dados aos topônimos que são formados por meio de combinações entre as letras do alfabeto manual e outro(s) parâmetro(s) fonológicos da Libras.

Os resultados dessa pesquisa foram convergentes ao que foi apontado por Souza-Júnior (2012) e Aguiar (2012). Há uma forte influência da Língua Portuguesa na formação dos topônimos em Libras, exceto aqueles usados para nomear as cidades do Ceará que, em sua maioria, foram criados sem utilizar as configurações de mão que representam letras da língua oral.

Souza (2018 apud SOUZA; BARREIROS, 2020), a partir dos estudos de Dick (1992) e dos estudos a respeito do léxico em Libras, em trabalho pós-doutoral, propõe uma metodologia para os estudos toponímicos neste idioma, levando em conta as especificidades linguísticas e culturais daqueles que nomeiam os espaços nessa língua. Um dos desdobramentos da pesquisa resultou em uma ficha lexicográfica-toponímica digital, com acréscimos e supressões ao modelo proposto por Dick (2004 apud SOUZA; QUADROS, 2019) considerando as especificidades linguísticas da Libras. No relatório final do trabalho de pós-doutoramento, Souza (2018 apud SOUZA; BARREIROS, 2020) encontrou as seguintes possibilidades de formação do sinal toponímico:

simples (quando possui um único formante em língua de sinais), simples híbrido (quando possui um único formante em língua de sinais, contudo, o formante possui configuração influenciada por letras da língua oral), composto (quando possui mais de um formante e todos os elementos da mesma língua de sinais), composto híbrido (quando possui mais de um formante, de línguas diferentes, como letras das línguas orais (SOUZA; BARREIROS, 2020, p. 11).

A nomeação dos lugares também é estudada por pesquisadores de outras línguas de sinais. Paales (2011) reconhece que os sinais de nomes para lugares (*place name signs*) são menos examinados do que os sinais de nomes de pessoas (*personal name signs*). Segundo a autora, os sinais de nomes representam um elemento do *singlore*⁸ dos surdos, formados a partir de vários jogos linguísticos, os quais contêm histórias que revelam suas origens etimológicas bem como refletem a memória da

8 Segundo Anjos-Coimbra (2018), *singlore* é uma expressão cunhada por Carmel, há mais de 20 anos, definida como o uso da língua para a expressão do folclore de uma cultura.

comunidade surda na qual circulam.

Com o intuito de analisar a estrutura dos métodos de formação dos sinais de nome de lugar da Língua de Sinais da Estônia, Paales (2011) utilizou duas fontes: um vídeo com diálogos realizados por surdos fluentes e ouvintes conhecedores da língua, o qual inclui 30 sinais de lugares da Estônia, e notas pessoais a respeito de sinais que nomeiam lugares coletados desde 1995. Em relação a questões metodológicas, a autora adaptou um sistema de categorização, proposto anteriormente por ela mesma, destinado à análise da formação de sinais de nomes de pessoas, o qual foi criado com base em estudos internacionais a respeito dos antropônimos da Língua de Sinais Americana, Língua de Sinais Francesa e Língua de Sinais Suíça. De uma maneira geral, as categorias propostas são:

- Sinais de nome arbitrários: são aqueles sinais que são formados pela Configuração de Mão que corresponde a letra inicial do topônimo na forma escrita ou pela datilologia do nome na língua oral e não estão relacionados às características físicas ou históricas do referente.
- Sinais de nome fonéticos ou fonológicos: segundo Paales, foram introduzidos na Língua de Sinais da Estônia por meio de um método oral usado no ensino da articulação vocal da língua estoniana para as crianças surdas. São formados por formas de mãos metódicas, marcadas de acordo com o som, geralmente próximas à boca e ao nariz.
- Sinais de nome descritivos: são sinais de nome que são formados a partir de alguma particularidade do referente, tais como: posição geográfica, indústria, instituição, patrimônio histórico etc., sem relação com a língua oral a qual coexistem.
- Sinais de nome descritivos-inicializado: são sinais formados pela letra inicial do nome e uma particularidade do local a ser nomeado
- Sinais de nome formados por empréstimos da língua oral: fazem parte dessa categoria os sinais de nome que são homonímicos (totais ou parciais) em relação ao nome do lugar na língua oral.

Conforme exposto nesta seção, na última década, várias pesquisas envolvendo a nomeação de lugares nas línguas de sinais começam a despontar. Este trabalho contribui com esses estudos, buscando compreender a motivação dos sinais de nomes das cidades de Mato Grosso do Sul, a partir da competência onomástica⁹ (SEIDE, 2021) de professores surdos a respeito dessas motivações. Cientes da importância do conhecimento histórico em que os sinais foram criados, a próxima seção apresentará um panorama geral do processo de constituição e consolidação em terras sul-mato-grossenses.

9 Segundo Seide (2021, p. 60) a competência ou conhecimento onomástico do falante diz respeito ao “conhecimento sobre as características linguísticas dos nomes próprios em sua língua materna e sobre como eles são usados na comunidade linguística à qual ele pertence”.

3 A TRAJETÓRIA POLÍTICA E LINGUÍSTICA DA LIBRAS NA COMUNIDADE SURDA DE MATO GROSSO DO SUL

A Libras como a conhecemos hoje, nem sempre foi reconhecida como uma língua natural, tampouco considerada como constituída de sua própria estrutura gramatical e linguisticamente organizada de forma análoga a quaisquer línguas orais existentes. O longo caminho percorrido até o reconhecimento científico (a partir de pesquisas linguísticas que avançaram graças aos estudos iniciais de William Stokoe em 1960 sobre a Língua de Sinais Americana - ASL) e legal (com reconhecimento como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras, pela Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002) constituíram-se de maneira árdua com muitas lutas e reivindicações da comunidade surda. Paralelo a isso, os estudos e pesquisas na área da linguística de forma a atribuir status linguísticos cada vez mais consolidado por intermédio dos pioneiros estudos linguísticos da Libras realizados, no caso do Brasil, pelas linguistas Lucinda Ferreira Brito e Ronice Müller de Quadros, ampliam o olhar sobre a comunidade surda para além das fronteiras das deficiências, localizando-a também no âmbito das minorias linguísticas.

Como este trabalho se refere aos sinais utilizados para nomear cidades do Estado de Mato Grosso do Sul, parte-se de um breve contexto em nível mundial, nacional e regional da constituição da Língua de Sinais. As Línguas de Sinais podem ser identificadas em momentos distintos da história, mesmo naqueles em que nem era considerada língua, mas gestos e mímicas sem conteúdo linguístico algum. A história da educação de surdos se inclui na trajetória da educação especial e remonta à Idade Antiga, na qual os surdos eram considerados aberrações e sem humanidade, seguido da Idade Média, período em que os surdos “recebem” uma alma e não são mais eliminados como no período anterior, mas ainda considerados ineducáveis. Na Idade Moderna surgem as primeiras iniciativas de educação de surdos, mesmo que ainda em um modelo excludente. Finalmente, na Idade Contemporânea temos a criação de dispositivos legais que asseguram aos surdos uma educação em sua própria língua, mas ainda marcado pela luta contra as crenças e preconceitos adquiridos ao longo de todo percurso histórico mencionado (CORREIA, 1997; FERREIRA, 1994).

No Brasil, a partir da criação do que atualmente é conhecido como Instituto de Educação de Surdos (INES), em meados do século XIX pelo Imperador D. Pedro II a partir da iniciativa do surdo francês E. Huet. Tal instituto passa a ser a referência na educação de surdos, o qual recebia jovens surdos de todo o Brasil para estudarem em regime de internato, os quais, nos períodos de férias ou quando formados, voltavam às suas cidades para multiplicar o conhecimento de sinais adquiridos após o contato com surdos de todo território nacional. Essa prática contribuiu grandemente para a expansão e uso da Libras nas mais diversas regiões brasileiras e não foi diferente no Estado de Mato Grosso do Sul, para onde os surdos voltavam e disseminavam os sinais aprendidos, misturando-os com os sinais caseiros utilizados pelos surdos do estado para se comunicarem com suas famílias (ALBRES, 2005).

Em uma tentativa de preservar e consolidar a língua, foi fundada uma organização civil de surdos, em 06 de março de 1982, com a denominação de Associação dos Deficientes Auditivos de Mato Grosso do Sul (ADAMS), com sede na cidade de

Campo Grande-MS, a qual, a partir do dia 12 de abril de 1987, passa a ser denominada de – Associação dos Surdos de Mato Grosso do Sul (ASSUMS), constituindo um espaço de uso corrente da Língua de Sinais para discussões políticas de luta dos surdos pelos seus direitos linguísticos, cujos líderes eram os estudantes egressos do INES. Segundo Albres (2005), muitos desses surdos passaram a trabalhar como vendedores ambulantes viajantes, levando consigo o léxico de outras regiões. A autora considera que a construção do léxico da Língua de Sinais no MS se deu por duas vias:

(...) pelos ex-alunos do INES, que trouxeram toda influência da Língua de Sinais Francesa e, logo depois, dos surdos viajantes que incorporam sinais usados em diversos lugares do país; como também pelos livros (dicionários) de Língua de Sinais, que cresceram com a proposta de Comunicação Total e, influenciados pela Língua de Sinais Americana, livros estes de uso nas escolas de surdos, nas igrejas, que tinham o objetivo de evangelização de surdos, e os próprios surdos ensinavam aos ouvintes interessados em aprender a se comunicar com eles (ALBRES, 2005, p. 7).

As iniciativas proeminentes de profissionais da educação de surdos como a da professora Shirley Vilhalva, dentre outros, culminaram no reconhecimento da Língua de Sinais no Estado do Mato Grosso do Sul, em 12 de setembro de 1996, cujo artigo 3º abre a possibilidade de uma matéria facultativa para aprendizagem da Língua de Sinais na rede estadual de ensino, estendendo-se aos cursos de magistério: “Fica estabelecido que, prioritariamente, os cursos de Língua de Sinais serão ministrados por indivíduos surdos habilitados para esta tarefa” (GOV MS, 1986). Ainda nesse contexto, foi criado o Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação – CEADA, pelo Decreto n.º 3546, de 17 de abril de 1986, com sede em Campo Grande, com escolarização e atendimento às pessoas com Surdez severa e profunda desde a educação precoce, educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Atualmente o CEADA não apresenta mais a sua natureza de escolarização inicial, configurando-se em um centro de apoio à educação inclusiva do estado.

O aumento do repertório lexical da Língua de Sinais no MS se intensificou ainda mais com a criação, em 2006, do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de atendimento às pessoas com surdez – CAS/MS, pelo Decreto n.º 12.192, de 21 de novembro de 2006 (GOV.MS, 2020) e, por meio da oferta do curso de Libras para profissionais da educação, estudantes, familiares de surdos e comunidade, bem como orientação e formação de professores do ensino comum, a Língua de Sinais passa a ser mais difundida nas cidades do interior do estado. Os ministrantes surdos desse curso, após formação no CAS, viajavam todos os meses para essas cidades e, muitas vezes, ao chegar nelas, não encontravam entre os seus habitantes ouvintes e surdos a menção do sinal da cidade em Língua de Sinais. Sinal esse que “batiza” os nomes próprios como prática integrante da cultura surda para identificar visualmente pessoas e lugares.

De acordo com os relatos coletados nas entrevistas, os surdos que participaram dessa empreitada viajavam por todas as cidades do Estado do Mato Grosso do Sul e catalogavam os nomes das cidades que possuíam um sinal criado na Língua de Sinais por moradores surdos; naquelas que não possuíam sinal, era amplamente discutido por toda a equipe de profissionais do CAS, que chegavam a um consenso do sinal, “batizando” essas cidades. Algumas cidades já possuíam seu sinal consolidado, mas as que

não tinham foram contempladas por esta ação, registrando esse *corpus* de sinais das cidades do MS em vídeo alojado no canal do CAS/MS na plataforma YouTube¹⁰.

4 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir de coleta de dados dos sinais de cidades do MS do canal do CAS/MS no YouTube, o qual foi o primeiro passo da pesquisa, ou seja, levantamento do *corpus*, cujas entrevistas foram realizadas em três etapas com 5 professores de Libras profissionais do CAS/MS. Já o segundo momento teve como objetivo identificar a motivação dos sinais, apresentando uma prática metodológica de vertente exploratória (GIL, 2008), este artigo analisou os sinais de nome de cidades do Estado de Mato Grosso do Sul, extraídos de vídeo do canal do CAS/MS no YouTube, postado em 16 de maio de 2019 (CAS/MS, 2019), com o objetivo de identificar as diferentes motivações de criação destes sinais. Esse *corpus* reúne diversos sinais correspondentes aos nomes das cidades sul-mato-grossenses, que, de acordo com relato de um dos entrevistados, alguns sinais foram registrados inicialmente em forma de desenho em um livro de sinais do CEADA¹¹ (CEADA, 2000). Esse foi o primeiro registro de sinais das cidades de MS no ano 2000 sendo substituído em 2019 pelo registro em vídeo e hospedado no canal do CAS/MS no YouTube, criado em 2013, com acréscimo dos sinais catalogados pelos professores de Libras surdos.

Para analisar os 81 sinais de nomes em Libras atribuídos às cidades sul-mato-grossenses, num primeiro momento, elaboramos um quadro contendo três colunas: a primeira contendo a imagem do sinal analisado, a segunda dedicada às informações da motivação apontada pelos informantes e a última referente à aplicação da proposta elaborada por Paales (2011). A escolha da metodologia proposta pela estoniana deu-se por apresentar uma abordagem que parece explicar melhor os fenômenos encontrados nos dados coletados, tendo em vista a motivação de atribuição dos sinais de nome nas cidades do MS.

No vídeo, foram registrados muito mais sinais além dos que havia no livro do CEADA, devido às muitas viagens dos ministrantes do curso de Libras a todas as cidades do MS, cujo contexto possibilitou reunir os 81 sinais relacionados aos 79 nomes das cidades (topônimos), já que dois sinais apresentaram variantes. No início do vídeo do curso de Libras do CAS, após a vinheta de abertura, é apresentado o sinal do Estado de Mato Grosso do Sul; na sequência, são apresentados, em ordem alfabética, os demais sinais dos nomes dos municípios. Cada sinal é realizado no lado direito do vídeo pela sinalizante, ficando do lado esquerdo do vídeo uma imagem da bandeira da cidade e o nome em português logo abaixo, como exemplificado na Figura 1.

10 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU51Xk>. Acesso em 17 abr. 21.

11 A partir do relato em entrevista, a equipe de profissionais do CAS/MS procurou preservar o máximo de fidelidade com os sinais presentes no livro do CEADA (2000), mas nem sempre isso foi possível devido o desenho não registrar de forma fidedigna, por exemplo, a descrição dos sinais como os tipos de movimentos e a localização inicial e final do movimento, se perdendo com o tempo essa informação.

Figura 1. Sinal da cidade de Angélica



Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (1:04 min).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

As entrevistas com os profissionais surdos do CAS/MS, para verificar a origem toponímica dos sinais, foram realizadas em três etapas, sendo que na primeira foi consultada uma dupla de professores de Libras. A razão da seleção destes profissionais foi motivada por atuarem por muitos anos nessa função sendo partícipes na criação de vários sinais. Os sinais que não foram contemplados nessa primeira etapa foram questionados à segunda dupla de professores de Libras entrevistados. Já os sinais que ainda apresentavam dúvida quanto a sua formação foram interpelados a um último professor surdo na última etapa, o qual não atua no CAS atualmente. Vencidas essas etapas, os poucos sinais de que não foi possível identificar a sua origem foram registrados neste trabalho com motivação desconhecida. As entrevistas foram registradas por meio de gravação de vídeo para posterior consulta com o único propósito de análise dos dados coletados.

Após uma verificação inicial do *corpus* analisado por nós, aproximações e diferenças foram identificadas em relação ao que foi proposto por Paales (2016) para a criação de topônimos na Língua de Sinais Estoniana. Em primeiro lugar, em nosso *corpus*, a categoria que envolve os sinais de nomes de lugares criados a partir de motivações que levem em conta aspectos fonéticos ou fonológicos dos nomes foi a única não identificada. Outra constatação diz respeito a outras combinações de motivações para a criação de sinais de nomes para os topônimos do MS, as quais não foram identificadas nos dados estonianos. Objetivando uma melhor visualização, organizamos os dados no Quadro 1 e no decorrer do texto abordamos os achados com mais detalhes.

Quadro 1: Distribuição dos sinais de nome conforme classificação de Paales (2011)

| Categoria | Quantidade de sinais de nome de lugar |
|--|--|
| Sinais arbitrários | 8 |
| Sinais descritivos | 17 |
| Sinais inicializados e descritivos | 33 |
| Sinais de empréstimos | 9 |
| Sinais descritivos + empréstimos | 3 |
| sinais inicializados + descritivos + empréstimos | 1 |
| Sinais inicializados + empréstimos | 2 |
| Sinais inicializados + motivação desconhecida | 8 |
| Total | 81 |

Fonte: As autoras (2021).

Conforme exposto na tabela, oito sinais foram criados tendo como motivação as letras do alfabeto da Língua Portuguesa. Destes, quatro são formados pela primeira letra do primeiro e do segundo nome do topônimo na língua oral: Antônio João, Bela Vista, Campo Grande, Fátima do Sul e Ponta Porã; e dois foram criados a partir da letra inicial do nome acrescidos de uma outra letra do nome: Bodoquena (variação 2) e Japorã, conforme exemplos apresentados na Figura 1.

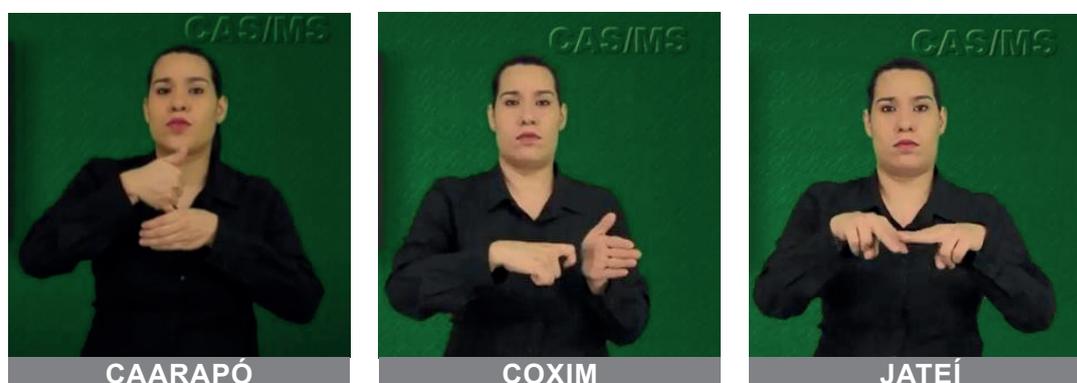
Figura 2: Sinais das cidades Antônio João/MS e Japorã/MS



Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

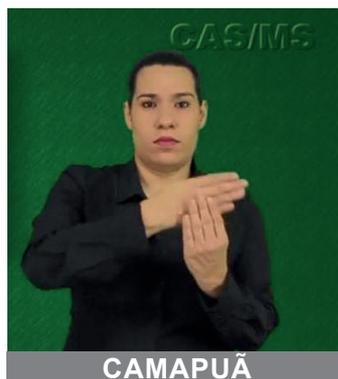
As cidades Amambai, Baytaporã, Camapuã, Caraapó, Corumbá, Coxim, Douradina, Figueirão, Jateí, Naviraí, Novo Horizonte do Sul, Porto Murtinho, Selviria, Sidrolândia, Sonora e Tucuru, compõem o grupo que recebeu um sinal de nome de lugar sem qualquer interferência da Língua Portuguesa, ou, conforme propõe Paales (2011), são sinais de nomes arbitrários. Em nossas entrevistas foi possível identificar que as motivações que originaram os sinais eram as mais diversas, tais como: cor do solo, algum monumento presente na cidade, atividade de pesca, presença de rio, festa típica da cidade, paisagem etc. Com a finalidade de ilustrar, apresentamos como exemplo os sinais de Caarapó – motivação oriunda de um monumento que faz alusão ao tereré, bebida típica da região, Coxim – motivado pela atividade da pesca, e Jateí, para o qual a motivação decorre de uma festa típica na região, na qual se tem como tradição a construção de uma grande fogueira.

Figura 3: Sinais das cidades Caarapó/MS, Coxim/MS e Jateí/MS



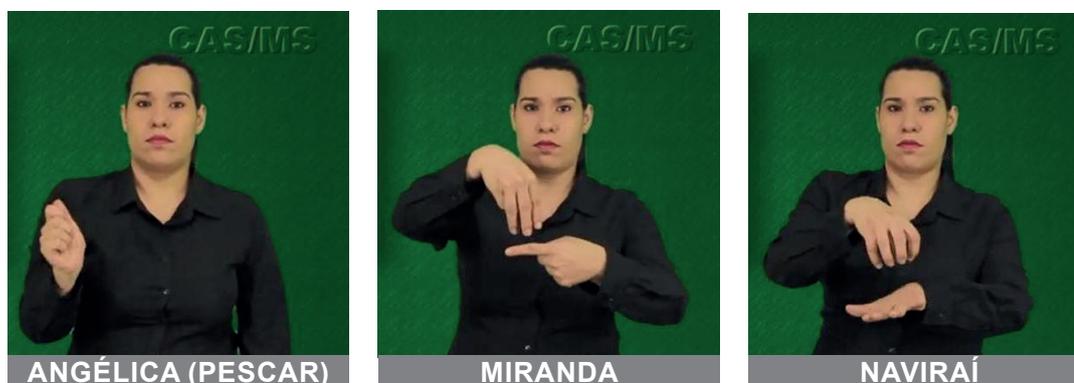
Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

Ainda no que tange aos sinais de nomes arbitrários, um sinal específico chamou nossa atenção, em virtude de ter uma motivação não muito comum de ser encontrada na Libras, mas ser um fenômeno mais recorrente nas línguas orais. A cidade de Camapuã recebeu um sinal de nome que é o mesmo atribuído a um surdo, já falecido, o qual residia na cidade há alguns anos. Segundo nossos informantes, anteriormente ao reconhecimento da Libras, esse surdo era bem conhecido e recebia muitas visitas de outros surdos que viviam na capital. Como a cidade não tinha sinal, era comum os amigos surdos se referirem ao sinal desse surdo que residia em Camapuã quando combinavam de ir visitá-lo. Assim, o sinal de nome do conterrâneo passou a ser o sinal de nome da cidade. Segundo a proposta de Dick (1992) os nomes de lugar motivados a partir de um nome próprio de pessoa (antropônimo) são denominados antropotopônimos. Na figura 3, apresentamos o sinal da cidade de Camapuã, que originalmente era o sinal de nome de um surdo nascido nessa localidade.

Figura 4: Sinal da cidade de Camapuã/MS

Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min).
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

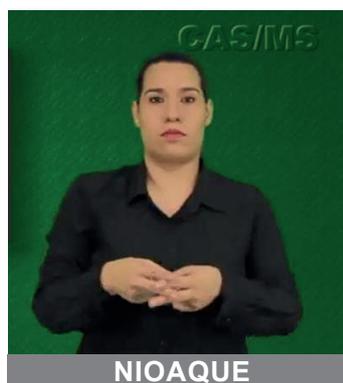
A maior motivação encontrada no *corpus* analisado são os sinais de nomes de lugar formados a partir da combinação da letra inicial do nome na Língua Portuguesa adicionada de uma outra motivação relativa ao referente nomeado. As cidades que fazem parte desta categoria são as seguintes: Alcinópolis, Anastácio, Anaurilândia, Angélica, Aparecida do Taboado, Aquidauana, Aral Moreira, Bandeirantes, Bataguassu, Bodoquena (1), Brasilândia, Cassilândia, Costa Rica, Deodápolis, Dourados, Iguatemi, Itaporã, Ivinhema, Jardim, Juti, Ladário, Laguna Carapã, Maracaju, Miranda, Nova Alvorada do Sul, Nova Andradina, Nioaque, Paranaíba, Paranhos, Ribas do Rio Pardo, São Gabriel do Oeste, Taquarassu, Terenos. Do mesmo modo que ocorreu com os sinais arbitrários, as motivações identificadas pelos informantes para a formação do topônimo em Libras foram: algum monumento presente na cidade, características físicas, localização geográfica, presença de rio, relevo, paisagem, ou seja, aspectos físicos ou culturais do referente etc. Para exemplificar, na Figura 4 apresentamos os sinais atribuídos às cidades de Angélica (motivado pela atividade da pesca), Miranda (motivado pela presença de uma ponte bem conhecida na cidade) e Naviraí (motivado em virtude da existência de uma grande rotatória na cidade).

Figura 5: Sinais das cidades Angélica/MS, Miranda/MS e Naviraí/MS

Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min).
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

Dentre as motivações identificadas nesta categoria, uma delas pode ser considerada mais inusitada uma vez que reflete experiências vivenciadas pelo(s) nomeador(es) do topônimo Nioaque. De acordo com as entrevistas, quando os surdos viajavam para esta cidade, em um determinado local da rodovia, se deparavam com uma rotatória que, de um lado, leva à Aquidauana e do outro conduz ao centro de Sidrolândia. Ainda segundo os entrevistados, era comum acontecer uma confusão a respeito do caminho a seguir por parte dos viajantes surdos. Assim, o sinal que motiva o topônimo da cidade é o sinal CONFUNDIR¹² com a mudança da configuração de mão desta, pela configuração de mão N, letra inicial da palavra Nioaque.

Figura 6: Sinal da cidade Nioaque/MS



Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

Uma observação interessante deve ser feita neste momento e aprofundada em estudo posterior. Muitas das motivações que elencamos de forma mais genérica estão relacionadas com as experiências vivenciadas pelos sujeitos que nomearam as cidades na Libras. Em nossas entrevistas foi muito comum identificar as seguintes expressões “SURDO VER”, “SURDO VIAJAR CARRO VER”, “SURDO PERCEBER” associado a um elemento específico do referente nomeado, evidenciando a experiência visual do surdo no ato de nomear. Para exemplificar, citamos os casos das cidades de Sidrolândia e São Gabriel do Oeste.

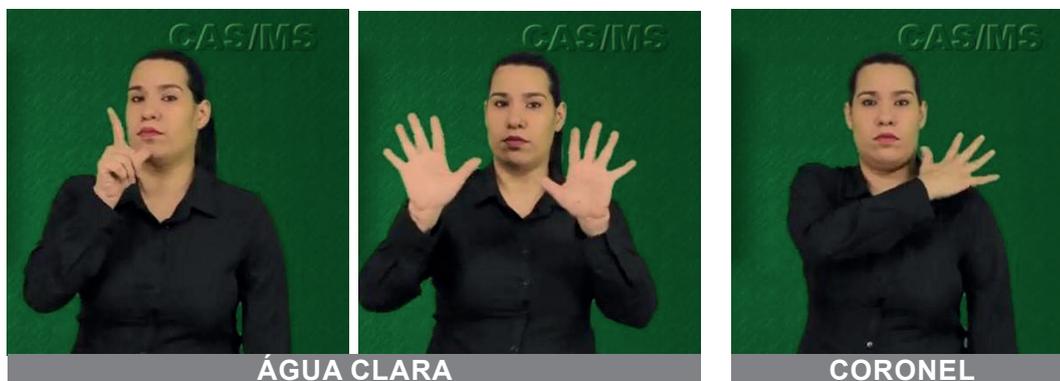
Sidrolândia é uma cidade que tem um desenvolvimento econômico com grande foco nas questões agropecuárias. O sinal de nome atribuído a ela é motivado pelo arado do trator de colheita, mas isso não significa, necessariamente, que o(s) nomeador(es) elegeu(ram) a atividade agrícola como motivação. Nos relatos dos informantes foi nos dito que os surdos, ao passarem pela cidade, perceberam várias máquinas em movimento, e elegeram metonimicamente uma parte delas (o arado) para atribuir o sinal de nome do lugar. Do mesmo modo, o sinal de nome de São Gabriel do Oeste é motivado pela letra inicial do nome “S” e pelo sinal de “ALEMANHA”, o que mais uma vez não significa necessariamente que o nomeador tem conhecimento da colonização da cidade, mas, conforme relatado, é devido ao fato de, ao irem até a cidade, perceberem grande parte da população com cabelos claros. A Figura 7 retrata esses dois sinais.

¹² Utiliza-se glosas, ou seja, letras maiúsculas, para representar os sinais da Libras na língua portuguesa.

Figura 7: sinais das cidades Sidrolândia e São Gabriel do Oeste

Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

Na categoria dos sinais de nomes motivados por empréstimos total ou parcial, encontramos nove cidades: Água Clara, Bonito (1), Caracol, Glória de Dourados, Mundo Novo, Rio Brilhante, Rio Negro, Rochedo e Coronel Sapucaia. Os topônimos em Libras atribuídos aos oito primeiros nomes elencados seguem a mesma formação morfológica que em Língua Portuguesa, ou seja, ou são simples ou compostos. No caso de Coronel Sapucaia, apenas o nome Coronel foi traduzido e Sapucaia foi apagado, provavelmente, em virtude do desconhecimento do significado de sapucaia.

Figura 8: Sinais das cidades Água Clara e Coronel Sapucaia

Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

Conforme relatado anteriormente, nos dados analisados por nós, encontramos combinações de categorias que não foram observados no corpus analisado por Paales (2011). Identificamos que três sinais de nomes de lugares foram motivados por empréstimos e por algum aspecto descritivo do referente: Bonito (2), Dois Irmãos do Buriti e Sete Quedas. O topônimo atribuído a Bonito é realizado pelo sinal BONITO acrescido de um sinal classificador que designa cachoeiras. No caso dos sinais atribuídos a Dois Irmãos do Buriti e Sete Quedas, ambos são motivados pela tradução do numeral para a Libras acrescidos de uma motivação referente a características físicas das cidades, no

primeiro caso, uma alusão a uma avenida da cidade e para o segundo o sinal classificador que designa queda d'água, conforme figura 9:

Figura 9: Sinais das cidades Bonito e Sete Quedas



Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min).
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

Alguns sinais foram motivados a partir da combinação das letras iniciais do nome do topônimo na Língua Portuguesa e uma tradução de uma parte desse nome, como é o caso das cidades de Santa Rita do Rio Pardo, Rio Verde e Três Lagoas. No caso do sinal de Santa Rita do Rio Pardo, a motivação para a criação do sinal parece ser algum processo metonímico que utiliza o sinal de MARIA (Mãe de Jesus), trocando-se a configuração de mão em M pela configuração de mão em R. Vale lembrar que o sinal de SANT@ em Libras nada tem a ver com o sinal de MARIA, mas o que pode ter ocorrido é uma transferência de sentidos (ou associação) em relação à santidade de ambas pelo nomeado. Já o sinal de Rio Verde parece representar uma homonímia parcial, uma vez que se representa parte do topônimo com o sinal VERDE. O curioso é que *Rio* não é representado pelo sinal correspondente em Libras, mas pela configuração de mão em R no mesmo ponto de articulação do sinal VERDE, evidenciando que o que predomina morfológicamente na formação do sinal é o local de realização do sinal VERDE. Interessante também a formação do sinal Três Lagoas, que em sua composição apresenta a inicialização na segunda parte do topônimo composto, sendo representado pelo numeral mais a configuração de mão em L (3+L).

Figura 10: Sinais das cidades Santa Rita do Rio Pardo, Rio Verde e Três Lagoas



Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

Por fim, oito sinais de nome de cidades foram motivados a partir da primeira letra no nome na Língua Portuguesa em combinação com alguma outra motivação que não foi recuperada pelos entrevistados. Para exemplificar, tem-se os sinais para Eldorado e Iracema, que utilizam a inicialização, mas em diferentes pontos de articulação; no caso de ELDORADO tem-se configuração de mão em E no antebraço e INOCÊNCIA apresenta a configuração de mão em I apoiada no dorso da mão não dominante.

Figura 11: Sinais das cidades Eldorado e Inocência



Fonte: SINAIS MUNICÍPIOS – Mato Grosso do Sul (MS). CAS/MS: Campo Grande, 16 mai.2019. 1 vídeo (7:53 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5IXk>. Acesso em: 04 fev.2021.

Esses topônimos diferem-se daqueles que estão inseridos na categoria “inicializados” em virtude de não serem feitos em local neutro em frente ao falante. A falta de identificação da motivação pode revelar um processo de opacidade, resultante do esvaziamento semântico do nome, o que demandaria outras pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, em sua metodologia, analisou 81 sinais de cidades do Mato Grosso do Sul, classificando-os com base em Paales (2011), e entrevistou 5 surdos do CAS/MS para identificar a origem toponímica dos sinais dos municípios de MS.

Como resultados, pode-se verificar, a partir da classificação de Paales (2011) que dos 81 sinais de nome analisados, as categorias que mais se destacaram são de sinais inicializados e descritivos. Sendo assim, 42 apresentaram inicialização baseada no nome em português, em combinação com outras categorias apresentadas pela autora, sendo que desse total foram encontrados 33 sinais inicializados e descritivos, 1 sinal inicializado, descritivo e empréstimo, 2 sinais inicializados com empréstimo e 8 sinais inicializados com motivação desconhecida. Dos sinais analisados ainda se observa um total de 54 sinais descritivos, sendo 17 apenas descritivos e os demais apresentando combinação com outras categorias.

A partir da análise e discussão dos dados, evidenciou-se que, em sua maioria, esses sinais apresentaram independência da taxionomia do seu nome próprio na língua oral, pois as escolhas lexicais partiram na maioria dos casos das vivências da comunidade surda, como mostram os exemplos de sinais descritivos e suas motivações. Isso reforça ainda mais a potencialidade e a capacidade das Línguas de Sinais de existirem por si mesmas e se consolidarem pelos seus falantes nativos, considerando, é claro, os fenômenos linguísticos de empréstimos e contatos com outras Língua de Sinais e com a língua oral majoritária no Brasil.

Sendo assim, a experiência visual dos surdos demonstrou ter um papel crucial na formação de sinais de nome para as cidades analisadas, em que a maioria dos sinais encontrados podem ser classificados como inicializados e descritivos, conforme Paales (2011) e cujas descrições denotam em grande parte percepções visuais dos surdos, próprias da cultura surda, nas visitas realizadas às cidades nomeadas. Essa percepção dos

dados vai ao encontro do que a autora apresenta na formação de sinais que se utilizam de vários jogos linguísticos, os quais retoma histórias e memórias da comunidade surda na qual circulam, que podem ser resgatadas quando se investiga a origem etimológica desses sinais e que evidenciam a criatividade na formação de sinais toponímicos. Esse é o caso, por exemplo, dos sinais para as cidades de Camapuã e de Nioaque, cujas vivências da comunidade surda estão presentes na formação desses topônimos.

Nesse artigo apresenta-se, ainda, um conjunto de topônimos que ainda carecem de pesquisas complementares tanto no que concerne a sua formação morfológica como no que diz respeito às suas motivações.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. C. Descrição e análise dos sinais topônimos em Libras. In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Org.). *Libras em estudo: descrição e análise*. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 109-121.
- ALBRES, N. A. *História da língua brasileira de sinais em Campo Grande – MS*. Petrópolis: Arara Azul, 2005.
- ANJOS-COIMBRA, S.O.P. Antropomorfismo e o espaço metafórico nas narrativas literárias em língua de sinais. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v.3, n.1, p.114-135, jan./jun.,2018.
- BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: a motivação dos Sinais-nomes. *RE-UNIR*, Rondônia, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.
- CARVALINHOS, P. de J. Interface Onomástica/Literatura: A toponímia, o espaço e o resgate de memória na obra *Memórias da Rua do Ouvidor*, de Joaquim Manoel de Macedo. In: *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CEFIL, 2009, v. XII, n.10, p. 83-89.
- CAS/MS. Sinais dos municípios de MS. Youtube, 16 mai. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VNVWgQU5lXk>. Acesso em: 22 mar. 21.
- CENTRO ESTADUAL DE ATENDIMENTO AO DIFICIENTE DA AUDIO COMUNICAÇÃO - CEADA. *Libras. Língua Brasileira de Sinais com dialeto regional de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande – MS: Editora Athenas, 2000.
- CENTRO DE CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E DE ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM SUDEZ – CAS/MS. Disponível em <https://cassedms.blogspot.com/2017/02/decreto-de-criacao-decreto-n-11.html>. Acesso em: 18 maio. 2021.
- CORREIA, L.M. *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares*, Porto, Porto Editora, 1997.
- DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH, 1992.
- FELIPE, Tanya A. *LIBRAS em contexto: Curso básico: Livro do estudante*. 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.
- FERREIRA, J. R. *A exclusão da diferença: a educação do portador de deficiência*. Piracicaba: Unimep, 1994.
- MATO GROSSO DO SUL. *Manual de orientações para os diretores da REE*. Secretaria de Estado de Educação. Campo Grande, MS, 2020. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Manual-do-Diretor-V08.pdf>. Acesso em: 18 maio 2021.
- MATO GROSSO DO SUL. Decreto n.º 3.546, de 17 de abril de 1986. Cria o Centro Estadual de Atendimento ao deficiente da Audiocomunicação, com sede no município de Campo Grande - MS e dá outras providências. *Diário Oficial*, Campo Grande, MS, 1986.

MATOGROSSODO SUL. Lei n.º 1.693, de 12 de setembro de 1996. Reconhece no Estado de Mato Grosso do Sul, a língua gestual, codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, como meio de comunicação objetiva de uso corrente, e dá outras providências.

PAALES, L. On the system of place name signs in Estonian Sign Language. *Journal of Ethnology and Folkloristics*, Estônia, v.4, n.2, p. 31-54, 2011.

RECH, G. A tradução dos nomes das personagens bíblicas para a Língua Brasileira de Sinais: analisando o manual O Clamor do Silêncio. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 404-424, 2020.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira. Os sinais de nome na Língua Brasileira de Sinais. *Anais. I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia das Línguas de Sinais e II Fórum Internacional sobre Produção de Glossários e Dicionários em Línguas de Sinais*, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira. Os sinais de nome atribuídos no contexto acadêmico: uma abordagem Antroponomástica. *Revista Onomástica desde a América Latina*, Cascavel, v. 1, n. 2, p. 67-82, 2020.

RECH, Gabriele Cristine Rech; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira; SEIDE, Márcia Sipavicius. A nomeação de pessoas em diferentes comunidades surdas. *Revista Investigações*, v. 33, n. 2, p. 1-24, 2020.

SEABRA, M. C. T. C, de; ISQUERDO, A. N. A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018.

SEIDE, M. S. Prenomes cristãos: constituição, etimologia, motivação para a escolha antroponímica e conhecimento onomástico. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 29, n.1, p. 49-76, 202

SOUZA, A. M de; BARREIROS, L.L.S. Panorama histórico dos estudos toponímicos em Libras no Brasil. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v.5, p.1-22, 2020.

SOUZA-JÚNIOR, J. E. G. *Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais*. 2012. 346 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística: Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

URBANSKI, I. R. W.; XAVIER, A. N.; FERREIRA, D. Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que nomeiam cidades do estado do Paraná. In: XXI SEMANA DE LETRAS - UFPR - Universidade Federal do Paraná, Volume II, Curitiba, Trabalhos completos [...]. Universidade Federal do Paraná, 2019. p. 64-73.

URBANSKI, I. R. W.; FERREIRA, D.; XAVIER, A.N. Contribuições aos estudos toponímicos da Libras através da análise de sinais que designam cidades brasileiras. *Revista GTLex*. Uberlândia, v.6, n.1, p. 234-267, 2020.

RECEBIDO: 05/07/2021
ACEITO: 16/03/2022